

OPORTUNISMO

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

A' MARGEM

JÁ ESTÁ DITO E REDITO que a Revolução Nacional teve, desde a primeira hora, um carácter e um sentido absolutamente transfiguradores.

Quando Gomes da Costa soltou em Braga o seu grito de revolta não o fez por iniciativa própria, mas em resultado do ambiente público que pedia altivamente o regresso às fontes históricas da Nação.

Contudo, houve muitas pessoas, — até das que entraram no Movimento — que não perscrutaram esta realidade evidente, supondo na sua eegueira que «o 28 de Maio» era uma desordem como qualquer outra, destinada a substituir homens e não Princípios.



FILIOU-SE NESSE ERRO, em boa parte, a revolução de Fevereiro que teve a chefia-la e animá-la, como é sabido, alguns de aquêles que tinham preparado ou entrado no Movimento de Braga. Levou anos a convencer os incrédulos. Quando os mais renitentes compreenderam que nada podiam contra a Ditadura e, depois, contra o Estado Novo que já se havia apossado da alma da Nação, resolveram, muitos de êles, abjurar os seus antigos credos para se dizerem integrados na Ordem Nova



A PONTE DE PASSAGEM escolhida foi Salazar que êles diziam seguir de olhos fechados.

Esqueceram-se, porém, que o Chefe da Revolução é, antes de tudo, uma doutrina e que não serve êsse Chefe providencial quem não aceita e não defende na íntegra os fundamentos ideológicos — políticos, económicos, sociais e morais — que êle definiu e com os quais formou a estrutura do Estado Novo.

«O Estado tem o dever de educar a mocidade no amor pelos exercícios vigorosos, que a devem preparar e dispor a uma acção fecunda e a tudo quanto possa exigir a honra e os interesses nacionais.»

SALAZAR.



«Fugindo da divinização do Estado e da sua fôrça, em nome da Razão e da História, nós temos de realizar o Estado forte, em nome dos mais sagrados interesses da Nação.» — SALAZAR.

O Governo enfrenta as investidas da especulação

LOGO que as Agências anunciaram a declaração de guerra na Europa, os olhares de muitos comerciantes incendiaram-se de loucas ambições.

Num alheamento das realidades corporativas, muitos negociantes sentiram-se reportados a 1914 e recordaram os tempos de livre especulação, mercê da qual foi possível entesourar largas somas a golpes de ganância e de açambarcamento.

Desnorteados pela ânsia de lucro ilícito muitos comerciantes já estavam a esboçar os primeiros ensaios de injustificados aumentos de preços, sem repararem nos princípios económico-sociais que regem a Nação desde a publicação do memorável Estatuto do Trabalho Nacional, em 23 de Setembro de 1933.

Se durante a última guerra, em consequência do liberalismo económico que então campeava a desafiar com risos escarninhos a colectividade, amargurada pela escassez de géneros e alta de preços, foi possível o reinado dos novos-ricos, felizmente que hoje, graças ao Estado Novo, a orgânica corporativa há-de forçar o negociante, sob a ameaça de sanções, a subordinar a sua actividade comercial ao lucro justo sem agravo da economia da Nação.

Para a plena execução dêste desiderato, acaba o governo de publicar um Decreto que garante o «exercício de uma fiscalização efectiva orientada no sentido da repressão implacável de tôdas e quaisquer manobras de açambarcamento e especulação».

Segundo êsse Diploma tôdas as pessoas singulares ou colectivas que exerçam o comércio de mercearia a retalho devem requerer a sua inscrição no respectivo Grémio.

Haverá no país três grémios de Retalhistas de Mercearia: do norte, com sede no Pôrto, do centro com sede em Coimbra e do sul com sede em Lisboa.

O Grémio concelhio de Retalhistas de Mercearia de Guimarães passa a constituir a delegação concelhia do Grémio do Norte.

Dentro desta organização, moldada em bases firmes, a disciplina corporativa vai ser imposta ao comércio retalhista.

Assegurada a suficiência dos géneros de primeira necessidade, o comerciante, em face desta rigorosa fiscalização, limitar-se-á ao justo lucro e o consumidor ficará liberto da ganância que já estava a ensaiar os seus primeiros passos, à sombra da tragédia que enluta a Europa.

Se o público cumprir o seu dever, secundando com fleugma, calma, confiança e parcimónia as medidas governamentais, os efeitos da guerra serão largamente atenuados.

HUGO DE ALMEIDA.

A' MARGEM

ORA SUCEDE que raros são os que fizeram uma evolução neste sentido real, sincera e verdadeira. A grande maioria de êles a cada passo trai as suas intenções, revelando o seu interior jacobino e a sua mentalidade primária, sempre que surge no espaço um problema a resolver — nosso ou estranho — é certo e sabido que os nacionalista pintados à pressa tomam o partido do que possa ter significado libero, ou democrático enquanto os demais — nacionalistas de facto, pelo coração e pelas ideias — seguem a linha reta e lógica dos seus princípios.



PARECE-NOS, PORTANTO, que vai sendo tempo de lhes falar claro, dizendo-lhes abertamente que Salazar não serve de para-raios a ninguém. Fazer o elogio do Homem e da sua obra material e não respeitar e até atacar a sua obra reformadora, política e filosófica, nem é compreensível nem honesto. Quem está com Salazar está igualmente — e implicitamente com as doutrinas que informam a Revolução — que êle chefia, orienta e conduz.

Esta é que é a verdade dos factos e a única posição que a honra consente e o Estado Novo admite...

A bom entendedor...

«Nenhum de nós — nacionalistas e amantes do seu País — faz profissão de nacionalismo agressivo, exclusivo, odioso; antes se apega à noção da Pátria. E' que compreende, por instinto do coração e por imposição da inteligência, que o plano nacional é ainda o melhor para a vida e para os interesses da humanidade.»

SALAZAR.



«Caminhamos com fé, melhor caminhamos sem receio neste fora falecimento dos individuos pela vida intensa dos seus grupos naturais, porque não pretendemos o Estado omnipotente governando sobre a miséria de rebanhos destróçados, mas o Estado forte Nacional, resultante do equilibrio que a justiça crie entre todos os individuos.»

SALAZAR.

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

16.º Domingo depois do Pentecostes

Evangelho (Luc., XIV, 1-11). — Entrando Jesus um sábado em casa dum príncipe dos Fariseus a tomar parte numa refeição, ainda eles o estavam ali observando. E eis que diante d'ele estava um homem hidrópico. E Jesus, dirigindo a palavra aos doutores da lei e aos Fariseus, lhes fêz esta pergunta: «E' lícito fazer curas em dia de sábado?» Mas eles ficaram calados. Então Jesus, tomando o homem, o curou e mandou embora. E, dirigindo-se a eles, disse: «Qual é de vós aquê que, tendo-lhe caído um juumento ou um boi num poço em dia de sábado, o não tire de lá no mesmo dia?» E eles não lhe podiam responder a isto. E, reparando também como os convidados escolhiam os primeiros assentos à mesa, propôs-lhes a seguinte parábola: «Quando fôres convidado a algumas bôdas, não te assentes no primeiro lugar, porque pode ser que esteja ali outra pessoa mais autorizada do que tu, convidada pelo dono da casa, e que, vindo este, que te convidou a ti e a elle, te diga: Dá o teu lugar a este; e tu, envergonhado, vás ocupar o último lugar. Mas, quando fôres convidado; vai tomar o último lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, senta-te mais para cima. Servir-te-á então isto de glória na presença dos que estiverem juntamente sentados à mesa. Porquanto todo o que se exalta será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado.»

Homília. — Os escribas e fariseus não podiam suportar Nosso Senhor, nem a pureza da sua doutrina, nem a retumbância de seus milagres, nem a santidade da sua vida, que confundia a hipocrisia, o orgulho e a avareza deles... Por inveja é que o observavam, na esperança de o acharem em falta, de o acusarem e de o deitarem a perder...

O invejoso sente essa tristeza, à vista dos bens naturais, ou das qualidades de espírito e de corpo do próximo. Daquí resulta uma secreta aversão contra o próximo, um desejo secreto e uma alegria maligna de o ver empobrecido, aviltado, humilhado e até mesmo em estado de pecado. E' claro que tais sentimentos, sendo voluntários e reflectidos, se tornam gravemente culposos diante de Deus.

A inveja ofende a Deus e opõe-se ao seu soberano domínio sobre o homem, ... à sua equitativa providência que dá a cada um o que lhe convém, e sobretudo à sua infinita bondade, porque tende a destruir ou aniquilar os dons que Deus concede ao homem.

A caridade obriga-nos a amar o próximo, como a nós mesmos, isto é, a desejar-lhe tóda a espécie de bens a contristar-se do mal ou a regosijar-se do bem que lhe acontece. Ora a inveja faz exactamente o contrário; ela é de olhar vêsgo, de coração duro e insensível, de língua viperina. O invejoso não pode ver a felicidade; o seu coração está cheio de azedume, de ódio e aversão. Quem será capaz de contar os Santos, que foram perseguidos pela inveja? Quantas heresias causadas por elle. Também Deus repudia a inveja e a pune de um modo terrível, mesmo nesta vida. Pais e mãis, vigiai, portanto, vossos filhos e vossos educandos! Quantos Sacramentos assim profanados! Quantas almas condenadas!...

Reflectir muitas vezes nos tristes efeitos de inveja e nos males que ela atrai neste mundo e no outro. Esforçar-se por destruir a sua principal causa, o orgulho. Meus irmãos, que cada um de vós se examine bem sobre este vício. Arrancai esta má raiz do vosso coração. Amai todos os vossos irmãos, fazei bem a todos. Que não haja entre vós senão a santa e abençoada emulação de praticar o bem e evitar o mal, de glorificar a Deus e de vos santificardes; *Sanctificate Dominum Jesum in cordibus vostris.*

Amen.

Peregrinação à Penha

E' difficil descrever em poucas palavras o que foi a grande peregrinação à Penha, no domingo passado.

A religiosidade e devoção dos peregrinos, o número de pessoas e bandeiras surpreendeu tóda a gente.

Depois da peregrinação do Congresso Eucarístico foi esta, sem dúvida, a mais grandiosa.

Lembramo-nos até de ter ouvido alguém dizer que depois da grande peregrinação de Fátima, dos dias 13 de Maio, esta era a maior a que tinha assistido.

Pouco passava das 9 horas quando os peregrinos deixaram o largo do Campo da Feira. A' frente marchava uma delegação de cerca de 260 escuteiros, onde seguia também uma patrulha de *girls gides* do núcleo de Braga.

Fechava o longo cortejo de peregrinos o andor de N. S. da Conceição, imediatamente seguido pelo rev.^{mo} arcebispo primaz, que era acompanhado pelos srs. presidente da Câmara, monsenhor António Ribeiro, presidente da União Nacional, delegado do govêrno, António José Pereira de Lima, chefe Vieira, juiz da Irmandade da Penha, presidente da Junta de Turismo da Penha, etc.

Era meio dia quando a peregrinação principiou a chegar ao cimo da montanha, sendo dada, pouco tempo depois, pelo sr. arcebispo de Braga, a bênção aos peregrinos.

Seguiu-se a missa campal, rezada pelo sr. padre Gaspar Nunes.

A alocução àquela enorme massa de peregrinos que fêz bem acanhado

o largo do Santuário, foi proferida pelo sr. D. António Bento Martins Júnior, que depois de mostrar quais as razões de ordem moral que têm determinado a contínua inquietação do Vêlho Mundo, chamou tóda a gente a orar e a pedir à Santíssima Virgem o remédio para tam intensos males, a luz da vardade e da fé para tam grandes cegueiras.

A' tarde teve lugar o anunciado côro falado feito pela Juventude Católica Feminina. Sua ex.^{ca} rev.^{ma} voltou a falar e em seguida deu a bênção do SS. Sacramento.

Assim terminou aquela grande manifestação de Fé, agradecimento e súplica. E se bem que fôsse enorme a quantidade de pessoas que nela tomaram parte, muito maior ainda o poderia ter sido se o malfadado respeito humano, a desprezível comodidade e um intelectualismo balofo e de pretensões irrisórias não tolhessem tanta gentinha, principalmente a da cidade.

Freguesias houve cuja representação verdadeiramente nos encantou. E, sem disprimor para nenhuma, queremos fazer sobressair a representação de homens da vizinha freguesia de Urgez. Bravo! E' assim mesmo! Com a vossa inquebrantável fé, com a cabeça bem erguida, soubestes dar um bom exemplo àqueles irresolutos e doentes da alma que se especaram pelos passeios a ver-vos seguir, sei lá se até a sorrirem-se na sua mentalidade imbecil.

Para estes continuemos a pedir à Santíssima Virgem «mais luz».

A. S. M.

Falecimento

Repentinamente, faleceu em Freixo de Espada-á-Cinta, a sr.^a D. Maria de Jesus Teixeira dos Santos, extremosa mãi das sr.^{as} D. Maria dos Remédios Teixeira dos Santos, professora D. Beatriz Teixeira dos Santos e dos srs. tenente António Augusto dos Santos e dr. José Francisco dos Santos. A este nosso grande amigo, que tam rude golpe acaba de sofrer, bem como à demais família, as nossas sentidas condolências.

Aniversários

Dia 12 — Professora D. Beatriz de Jesus Pires da Veiga.

Dia 17 — Rodrigo Martins de Meneses da Silva Bastos.

Dia 18 — D. Maria Teresa Cardoso de Meneses Tavares e Távora, António José Pereira de Lima e Domingos Martins Fernandes.

Dia 19 — D. Maria Lucrecia Xavier da Costa Cardoso de Meneses e Conde de Paço Vitorino.

Concêrto

No dia 21 do corrente realizar-se-á no jardim público um concêrto pela banda dos Bombeiros Voluntários, dedicado ao nosso amigo sr. António José Pereira de Lima, na qual fará a sua apresentação como regente da mesma banda o sr. António Guise.

NOTICIÁRIO

Sociedade

Encontra-se com sua família em em Melo, Serra da Estrêla, o nosso amigo sr. Julião Carneiro da Silva, digno chefe dos C. T. T. nesta cidade.

— Esteve nesta cidade o sr. Abel Cardoso, distinto pintor.

— Com sua família regressou da Povoia de Varzim o nosso amigo sr. dr. João António de Almeida.

— Partiu com sua família para as suas propriedades da Arosa o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. José da Costa Santos Vaz Vieira.

— Regressou de Monção o nosso bom amigo sr. Armando Humberto Gonçalves.

— Com sua família encontra-se nas suas propriedades de S. Mamede de

Aldão o nosso prezado amigo sr. Rodrigo Pimenta.

— Das Caldas das Taipas regressou, com sua família, o nosso amigo sr. José Jacinto Junior.

— Com sua família encontra-se nas suas propriedades de Souto o sr. dr. António do Amaral.

— Cumprimos nesta cidade o sr. Rodrigo de Menezes Lôbo Machado.

— Encontra-se na casa de Carvalho de Arca o nosso amigo sr. barão de S. Lázaro.

— Regressou de férias o sr. padre António Pires Quesado.

— Partiu para a sua quinta de Freiria o sr. dr. Eduardo de Almeida.

— Para as suas propriedades de Santo Tirso o sr. Alberto Maria Leite.

— Encontra-se nas suas propriedades de Pombeiro, Felgueiras, o sr. coronel Duarte do Amaral Pinto de Freitas.

— Nas mesmas propriedades encontra-se o nosso amigo engenheiro Duarte do Amaral.

— Em Santo Estêvão de Briteiros encontra-se o sr. coronel Francisco Martins Ferreira.

— Para Coimbra partiu o nosso camarada alferes Carlos Herculano Meireles Amado.

— Deve partir para o Congo Belga, no próximo dia 23, o nosso amigo Henrique Ferreira Martins.

— Regressou da Póvoa de Varzim, já completamente restabelecido, o sr. João Ferreira.

Nossa Senhora da Guia

Relação das mordomas para a Festa a Nossa Senhora da Guia no ano de 1940:

Juíza — D. Flora Aires.

Mordomas — D. Maria Augusta Matos Martins, D. Laura Fernandes Abreu, D. Laurinda Dias de Castro, D. Luiza Oliveira Félix Aguiar, D. Custódia de Jesus Fernandes, D. Maria Joaquina Pereira Mendes, D. Ana Teixeira, D. Maria de Lourdes Teixeira, D. Amélia Pacheco Martins, D. Rosa Fernandes Marinho, D. Maria Margarida Felgueiras Coelho.

Vitória Sport Club

Sua nova orientação

Tivemos conhecimento de que o Vitória Sport Club havia passado por consideráveis transformações. Para informar os nossos leitores resolvemos conversar um pouco com um dos membros da Comissão Administrativa.

Depois de breves cumprimentos, atiramos de chofre a pergunta:

— Mantém-se o Grupo com Assembleia Geral, Direcção, etc., como até aqui?

Sorridente, responde o sr. António Neves:

— Não. A Comissão Administrativa, ao tomar posse, deliberou, como condição indispensável, a extinção de Assembleas Gerais, que só fazem barulho nada produzindo de útil.

«Cada cabeça, sua sentença», diz o povo... Para trabalho profícuo e resultados palpáveis, só com uma Comissão Administrativa se poderá conseguir homogeneidade na direcção dum agrupamento como o Vitória.

Quais os elementos da Comissão?

— Presidente, dr. Américo Durão; vice-presidente, Amadeu da Costa Carvalho; 1.º secretário, dr. Manuel Jesus de Sousa; 2.º secretário, António Neves; tesoureiro, António Freitas. Esta comissão agregou a si, no acto de posse, uma Comissão Auxiliar composta pelos srs: João Mendes de Oliveira, José da Silva Lima e Amadeu Guimarães.

— Condições económicas. Assume esta Comissão Administrativa encargos de direcções anteriores?

— Não. As contas da direcção anterior foram por ela pagas. Embora existam algumas antigas dívidas, o grupo terá agora uma vida mais desafiada, atendendo a que a Câmara, nestes últimos tempos, tanto a do sr. capitão Magalhães e Couto como a do presidente actual, sr. dr. Rocha dos Santos, tem subsidiado este grupo.

— Dizem-nos que bastantes sócios não têm pago as suas quotas; em que situação se encontram actualmente?

— Os que não pagavam foram excluídos. Tentaremos agora angariar novos sócios para o que faremos a necessária propaganda.

— Campo de jogos. Houve nêlo modificações?

O sr. António Neves responde prontamente: — Bancadas e vedações novas; terreno de jogo remodelado, com a construção do muro de suporte, o rectângulo foi aumentado com dois metros ao comprimento e um metro à largura.

— Modalidades desportivas:

Sem que continuassem a pergunta, veio logo a resposta:

— Queremos acarinhar as outras modalidades desportivas, sobretudo a ginástica atlética para todos os sócios. O professor ainda não está escolhido; para já exercerá esse cargo o treinador.

— E quem é o treinador?

— O húngaro Gensi, treinador efectivo do Boavista, que dará dois treinos por semana; um de ginástica e outro de *foot-ball*.

— Tencionam reforçar o *team* ou mantê-lo só com «prata da casa»?

— Embora não fôsse esse o nosso desejo, o *team* será reforçado — porque os outros agrupamentos, reforçando os seus, a isso nos obrigaram — para já, com dois elementos, estan-

(Continua na 4.ª coluna)

CARTA DE LISBOA

Pode dizer-se que as notícias da declaração de guerra não surpreenderam a capital. Infelizmente, a marcha dos acontecimentos — sem possibilidades de solução pacífica, apesar das muitas diligências diplomáticas efectuadas nesse sentido — fazia prever tal desfecho.

Resta-nos, portanto, encarar o facto consumado com a maior serenidade e espírito patriótico, não só para evitarmos cair numa alucionante «guerra dos nervos», em que ficaria prejudicado o nosso potencial de energia e sangue-frio, mas também — o que é muito mais importante, sem dúvida — para podermos colaborar com o Governo, em tôdas aquelas medidas que se considerem de beneficio estritamente nacional.

A nota oficiosa publicada a este respeito nos jornais de 2 do corrente é deveras eloquente na sua própria sobriedade. A todos se impõe — recomenda na sua parte final — *viver a sua vida, mas agora com mais calma, trabalho sério, a maior disciplina e união: nem recriminações estêreis, em vãs lamentações, porque em muito ou pouco fique prejudicada a obra de renascimento a que metemos ombros, diante de tam grandes males faz-se mister ânimo forte para enfrentar as dificuldades — e da prova que ora der, sairá mais forte a Nação.*

Um dos mais oportunos aspectos da colaboração solicitada, por assim dizer, deve incidir sobre alguns comerciantes sem escrúpulos, que se aproveitam já da terrível situação, para especularem e açambarcarem produtos, que se reputam de primeira necessidade.

Nas duas capitais do país, têm sido denunciados às autoridades muitos destes casos criminosos. Não deve haver transigências neste capítulo, pois

tanto a especulação como o açambarcamento, constituem verdadeiros roubos, para que não pode haver atenuantes, e tam ladrão é o que rouba, como aquêlo que o consente.

Graças a Deus, não faltam em Portugal os produtos considerados de primeira necessidade. E paralelamente à declaração dos Grémios, de que se aponta, para exemplo, o dos Importadores e Armazenistas de Bacalhau e Arroz, o Ministério do Comércio e Indústria, em oportuníssima nota oficiosa, pôs o país de sobreaviso contra a ganância dos que pretendem enriquecer rapidamente, afirmando que se possuem as reservas necessárias de artigos fundamentais e que o Governo tem meios de averiguar imediatamente quaisquer manobras especulativas, que serão punidas com o máximo das sanções legais.

Como se vê, não há motivos para faltas de confiança e serenidade. A engrenagem corporativa do Estado Novo não consentirá que se altere o equilíbrio económico, por actos fraudulentos e abusivos, e empregará todos os meios para que o país não chegue às provações que se verificaram durante a primeira guerra.

Há motivos, pelo contrário, para nos felicitar, atendendo à situação realmente privilegiada em que nos encontramos e, a-par disto, para não transigirmos com os gananciosos, sejam quais forem e onde estiverem, abstenendo-nos, ao mesmo tempo, como não pode deixar de ser, de reservas extraordinárias, desperdícios e gastos inúteis, o que, além de nos desacreditar moralmente, só redundaria em prejuízo geral e obrigaria o Governo, nesse caso, a indispensáveis medidas de restrição.

Lisboa, 10-9-39.

Z. DE M. F.

Acção educativa dos sindicatos

A maior parte da gente tem já conhecimento da existência e finalidade dos sindicatos; quando o não tenha por um interesse imediato, pelo menos conhece-os porque existem, ou porque a curiosidade com tal conhecimento se preocupou.

A acção destes organismos é principalmente de carácter social, e assim melhor podem exercer uma função educativa que, quando não mais extensa, deverá chegar a todos os filia-

dos. Que estes saibam qual o ministério de que directamente dependem, quais as personalidades que superintendem na organização corporativa, quais os decretos que regularizam horários, penalidades a transgressões, salários, etc., é necessário e é muito já, mas não é tudo.

Que conheçam a vida e funcionamento dum sindicato, as atribuições dêste e o limite da sua acção, é bom e útil, mas não é tudo.

Que os sindicalizados saibam tudo isso de que se falou, mas que possuam a noção exacta da forma como devem portar-se em sociedade, tanto sob o aspecto moral e religioso, como político e económico, é tudo.

Pode o homem ser um sábio, um grande rico, um poderoso senhor, se lhe falta o bom comportamento, a

conduta esmerada de homem, sobre este ou aquêlo aspecto superior, já o nosso respeito e veneração não passam de fictícias amabilidades, de reverências e cortêsias a custo feitas, aqui e ali com uns «pòzinhos» de hipocrisia.

O homem antes de sábio, de rico, de senhor, é homem e, portanto, um ser em sociedade, cheio de deveres e encargos, com obrigação a uma conduta própria de quem é animal superior.

Uma exemplar conduta moral é tam linda, tam encantadora, que se impõe à veneração de todos. E esta veneração cresce com a humildade de posição do venerado.

Ao homem do sindicato, pois, não é devido uma conduta desregrada, humanamente vexatória, mas um comportamento que, embora alegre e divertido, não saia dos limites duma educação éticamente perfeita.

A's direcções dos sindicatos, aos sindicatos em si, compete pugnar pelo levantamento moral do operariado, quer utilizando as conversas e conselhos particulares, quer as palestras colectivas, quer os panfletos.

Os resultados serão talvez tardios, mas a boa semente, por mais pedregoso e inadubado que seja o terreno, sempre produz alguma coisa.

António Sérgio Ilhaçolo

Vitoria Sport Club

do preenchido definitivamente o lugar de avançado centro.

— Categorias inferiores...

— Temos as reservas e já temos para o novo campeonato de este ano a nova categoria de juniores.

— E que é feito do antigo grupo infantil?

— O governo proibiu a prática de *foot-ball* a menores de 15 anos. Por isso os infantis foram, por assim dizer, extintos.

— Sobre árbitros: Continua a funcionar a escola? O sr. António Neves, lastimoso, responde: — Que autoridade teremos para a reabrir, se no ano findo, aberta a inscrição, não apareceu nenhum aluno!

— O clube está em boas relações com os outros?

— Absolutamente amistosas com tôda a gente; com todos os clubes do distrito e fora dele, bem como com a Associação de Braga.

— Mas...

— Pelo regulamento da Associação Portuguesa o Sporting de Fafe é o justo detentor do campeonato distrital. O regulamento é claro.

Se os dois finalistas chegarem ao fim empatados, ganhará o grupo que tiver mais *goals* nos desafios entre si. Ora no jôgo de Guimarães Vitória-Sporting ficaram empatados, em Fafe o Sporting ganhou por 2-0. Ficou assim Fafe com o campeonato distrital.

— Mas houve um desafio em Braga...

Resposta rápida do sr. A. Neves:

— Esse desafio era escusado.

— A nova época de jogos principiará para o Vitória...

— No próximo dia 17 com um desafio, em Guimarães, com o Boavista do Pôrto.

* * *

O sr. António Neves que foi de uma gentileza cativante, acaba estas revelações com o pedido de que frizássemos bem que a nova Comissão Administrativa está na disposição de trabalhar o máximo por que este agrupamento progrida seguramente, não só para seu bom nome como também para prestígio de Guimarães.

Os bons rapazes do Vitória serão postos em contacto com grupos da sua categoria de categoria superior a fim de lucrarem no seu aperfeiçoamento técnico e contribuírem para o aumento de camaradagem desportiva e propaganda da sua terra.

" RESSURGIMENTO "

Seguiram pelo correio os recibos de cobrança. Esperamos dos nossos assinantes o acolhimento que sempre nos dispensaram.

*

Um nosso assinante escreveu-nos dizendo que resolvera pagar a sua assinatura pelo dôbro, enviando-nos já o dinheiro para um semestre.

Oxalá que o exemplo seja imitado e sirva de lição aos que não sabem assumir sequer os seus compromissos.

Lêde e propagal

«RESSURGIMENTO»

"Os Mestres de Guimarães,"

por A. L. de Carvalho

O Instituto para a Alta Cultura, admirável organismo do Ministério da Educação Nacional, subsidiou em boa hora e com um verdadeiro sentido da sua finalidade esta excelente publicação que o distinto escritor vimaranense sr. A. L. de Carvalho acaba de lançar no mercado.

Bastava, com efeito, essa justíssima distinção feita pelo Instituto de Alta Cultura, sempre tam escrupuloso, para recomendar a importância histórica e o valor intrínseco da presente obra. Não só pela riqueza da sua colheita de dados e conceitos de investigação, mas até pelo aspecto de doutrina social, este precioso livro marca uma grande vitória para o seu erudito autor.

Não conhecemos, nos últimos anos, obra mais completa e mais dignificadora. Ela esclarece e cultua «a história dramática da grei trabalhadora», como muito bem diz o escritor, apresentando, através dos tempos e das suas crises, os exemplos da sua organização profissional, da sua unidade patriótica e do seu vasto e fecundo labor nos diferentes ramos da actividade humana.

Levados pela mão sábia e elegante do autor — apraz-nos reconhecer que êle dispõe dum estilo terso, vigoroso, sem deixar de ser fácil e ondulado, o que o torna um cicerone sugestivo — percorremos todo o dedalo das épocas remotas, seguindo o rasto curiosíssimo dos ourives, dos cutileiros, dos ferreiros, dos serralheiros, estudando a sua forma de vida, o seu sistema corporativo, a sua capacidade produtiva, conhecendo os seus estatutos, o orgulho que tinham nas suas profissões, transmissíveis de pais para filhos, a situação industrial e comercial do tempo, emfim, assistindo à rotagem dos obreiros operosos, inteligentes e patriotas que ajudaram a construir e a consolidar este vélio monumento que é o Portugal dos nossos dias.

No seu tipismo, nas suas recordações políticas e administrativas, no forte carácter do seu tradicionalismo, no seu valimento económico, Guimarães, berço augusto da nacionalidade, aparece-nos em tôda a sua excelsa realidade de antanho ao longo dos numerosos capítulos deste notável livro — notável, sem favor, acentuemo-lo. Escritor e investigador com a perfeita compreensão da sua tarefa, o sr. A. L. de Carvalho revela nêle a sua refinada sensibilidade de patriota. Quem traçou com tam respeitosa emoção estas páginas que desnudam a raiz duma Província e — mais ainda — duma Raça tem jus a ser considerado um português de lei.

A edição dos *Mestres de Guimarães* — primeiro volume duma série que autor anuncia e cujo prosseguimento ficamos aguardados com sincero interesse — é ainda enriquecida com numerosas ilustrações muito elucidativas, pois completam e animam o texto.

N. R. — Com grande satisfação transcrevemos do nosso colega *Correio do Minho* a crítica literária feita ao último livro do nosso amigo A. L. de Carvalho.

Visado pela
Comissão de Censura

Impressões de Viagem

Chegada do Sol a terras de nevoeiro

Apenas cheguei a esta terra brumosa, sempre velada de nevoeiros, o frio e a chuva impiedosamente me encarceraram ao canto do fogão, na solidão pesada dum quarto de exilado.

Nascido num país em que o sol reina por vezes até despoticamente fazendo sentir a sua fôrça poderosa, quasi omnipotente, num país cheio de côres que mesmo o inverno não consegue apagar, esbatendo-as apenas, num país em que a terra parece infatigante produzindo sempre, sempre colorida e sempre enfeitada, eu senti logo a tristeza desta terra nevoenta em que os campos são monotonamente dum verde sem vida. As janelas sempre fechadas, sem uma flor que as animasse e sem um rosto curioso que lhes desse movimento, escondiam a vida das habitações aos olhos do exilado que passa, lares em que o aconchêgo se esforça por fazer esquecer o desolante aspecto da natureza. Sômente as chaminés fumegantes dão um sinal de vida nesta tristeza moribunda, lembrando que o fogão parece ser o centro da vida familiar: as senhoras trabalhando a lã que a todos defende dos ataques traiçoeiros da humidade e os homens lendo e saboreando as notícias alvoroçadas dos jornais.

A chuva e o frio têm aqui o seu reino.

O belga tendo nascido sob um céu que raramente é azul mas negrusco e cinzeo, não tendo côres variadas para lhe distrair e prender o olhar e não conhecendo as maravilhas duma natureza exuberante, não tem os ataques de *spleen* que por vezes deformam um inglês como os ataques de reumatismo deformam as mãos.

Essa alegria torna-se clamorosa nas *kermesses* populares em que os realejos moem, remoem e mastigam as músicas que fazem época e algumas vezes, num anacronismo com a debilidade luminosa, movimentadas marchas espanholas, nos carros que giram vertiginosamente, divertindo pequenos e grandes, novos e velhos na mesma folia.

Mas a expressão da gente que passa condiz com a paisagem: fria, preocupada, triste mas não aborrecida ou sonolenta. A alegria surge nesta terra como alguma cousa que se não espera.

E' por isso que eu hoje me sinto alegre como uma criança que recebe uma prenda que não pediu, como alguém que encontra inesperadamente uma pessoa querida que há

muito não vê. Eu encontrei hoje a Primavera.

Encontrei-a no céu sem nuvens, luminoso e demasiadamente azul; encontrei-a na calma desta manhã e na alegria das crianças que correm na relva pinalgada de branco, sob as árvores do *boulevard* que ainda conservam na negridão húmida do tronco o vestígio do inverno; encontrei-a nos carrinhos que desfilam levando bebês loiros que nos olham com a indiferença dum general que passa revista às tropas. As mães passeiam os seus bebês para que o sol os beije, os acaricie e os fortifique. Todos procuram o sol, todos procuram a Primavera. Todos reconhecem que êle é a vida e que ela é a alegria.

Se o céu não fosse tam pálido e as côres tam débeis, eu teria a ilusão dum regresso a êsse país em que o sol é rei, a essa terra fecunda, colorida de folhagens e flores, altivamente desdenhosa nos seus montes e meiga nos seus vales, sacrificada nas suas charnecas e sorridente nos seus jardins.

As casas abriram-se para receber a visita do sol, para que de todos os recantos saísse o entorpecimento do inverno. Esta gente que me parecera viver de costas voltadas para a natureza, saiu para os campos a alegrar os olhos libertos do pêso das nuvens baixas, sequiosos de horizontes mais largos que a fuga dos nevoeiros ampliou.

As crianças correndo parecem querer agarrar o sol, as mulheres abandonando os agasalhos que lhe apagavam alguns encantos, parecem querer seduzi-lo.

Como eu compreendo hoje o culto do Sol!

Mas, como não posso paganizar-me a ponto de o adorar, vou agradecer-lhe como a um mensageiro:

Obrigado, Sol. Um poeta te chamou amigo dos heróis, pois eu chamo-te amigo dos exilados de Portugal. Trouxeste-me no brilho dos teus raios uma mensagem da minha terra heróica, no calor da tua luz uma mensagem da minha terra produtiva e na tua altivez uma saudação da minha terra nobre! Pareces fatigado.

Não admira, foi longa a caminhada.

Deixa-te ficar algum tempo por esta terra que mal te conhece e que muito deseja ver-te, deixa-te ficar aqui a descansar...

Louvain (Bélgica), Abril de 1937.

FRANCISCO ALDÃO.

Crónica de Vizela

Encastoadada num dos recantos mais formosos do Minho, Vizela é, sem dúvida, pelas propriedades terapêuticas das suas águas, pela elegância e amplitude do seu balneário, pela beleza do seu parque, pelo conforto dos seus hotéis e pensões e pela graciosidade da rua Dr. Abílio Tôrres, uma das primeiras estâncias termas do país. Cumpre-nos, pois, auscultar a sua vida balnear.

Como em tôdas as termas do país, Vizela denota afrouxamento na afluência dos seus aqüistas.

No entanto, quem, à hora das refeições, lançar a vista para as salas de jantar, não as encontra desertas.

A vida termal vizelense decorre num ambiente de sadio reconforto moral e físico. E' bem uma estância de cura e de repouso. O influxo tónico e salutar da natureza nunca chega a consentir que a vida balnear roce pela monotonia.

Se as festas pomposas e deslumbrantes não se realizam nem se projectam, no entanto os dias nesta Vizela de encantos nunca se revestem de insipidez provinciana.

Na rua Dr. Abílio Tôrres passeiam à noite os banhistas.

Os acordes da orquestra do Casino convidam à apreciação da música que, nesta hora de inquietação, actua sobre o espírito como um banho de calma.

Em seguida, no salão do Casino, ao ritmo da orquestra, a gente moça baila e diverte-se.

Assim morrem as diversões.

Os dias extinguem-se num entardecer de doces cambiantes de luz e amanhecem numa alvorada de alegria. A grande beleza de Vizela está, porém, no seu parque. E' um feixe de éclogas repassadas de virgiliano bucolismo. Oferecem aos contemplativos encantos mil as suas avenidas orladas de árvores frondosas cujos ramos se entrelaçam em dossel por onde se peneira o sol, derramando meigas claridades ao longo dos túneis de verdura.

No seu terno fluir as águas do Vizela circundam este lugar de sonho.

Vizela é, sem dúvida, a rainha das termas de Portugal.

H. A.

sopas, 11.902; pães, 11.902; pratos, 438; vinhos, 403.

Refeições fornecidas aos operários — sopas, 1.386; pães, 2.432; pratos, 3.120; vinhos, 1.999.

Vestuário fornecido aos pobres — 3 casacos, 2 ceroulas, 3 blusas, 1 lenço, 3 calças, 9 camisas e 2 saias.

Refeições fornecidas aos presos da cadeia, 841; idem, aos da esquadra policial, 124,5.

Lactário Municipal (Anexo à Casa dos Pobres) — 36 crianças que transitaram de Julho, 3 admitidas, 2 faleceram, 3 desistiram, 1 terminou, 8 consultas, 56 passageiros, 537,5 litros de leite consumido e 8,5 quilos de farinha.

Donativos recebidos — D. Julia Teixeira de Aguiar, 6 colmos de palha; Condessa de Margaride, 9 colmos; tenente-coronel F. Martins Ferreira, 12 colmos; D. Luiza Araujo Gomes Guimarães, 12 colmos; Administração do Concelho, 69 quilos de carne; Luiz Cardoso Martins de Meneses, 50\$00; comandante da policia, 12\$00.

Batalhão de Metralhadoras 5

Por ordem superior, o comandante do Batalhão de Metralhadoras n.º 3 convoca para frequentar a Escola de recrutas, devendo apresentar-se naquele quartel de 23 a 25 do próximo mês de Outubro, até às 24 horas, sob pena de ser considerado desertor, o recruta licenciado do batalhão, 386/39, José Ferreira, filho de Luiza Ferreira, residente em Estrada Nova, freguesia de Gonça, concelho de Guimarães.

CASA DOS POBRES

Movimento durante o mês de Agosto

Subsídios em dinheiro a 190 pobres, 4.425\$00; idem para renda de casa, a 168 pobres, 2.821\$00; idem para transporte aos inválidos, 56\$70; pernoitaram no albergue 275 pobres; balneário — banhos, 971.

Refeições fornecidas aos pobres —